

# **1<sup>a</sup> Parte**

---

**Estudios**

# Adolfo Caminha

*Sânzio de Azevedo*

Quase duas horas da tarde. Numa casa modesta da Rua Visconde de Itaúna, no Rio de Janeiro, um homem começava a agonizar. O dia era 1º de janeiro. O ano, 1897. Esse homem, que não tinha ainda 30 anos de idade, pois nascera no Aracati, em seu Ceará distante, no dia 29 de maio de 1867, chamava-se Adolfo. Adolfo Caminha.

Para a maioria dos vizinhos, moradores ali das imediações da fábrica do gás, finava-se apenas mais um funcionário público. Alguns tinham conhecimento de que ele exercia o jornalismo. O que talvez ninguém por ali soubesse é que aquele homem pálido, magro, de olhar febril e voz surda, que a tuberculose ia aniquilando aos poucos, havia sido, aos 21 anos de idade, um garboso oficial da Marinha imperial. É certo que sempre fora um rebelde, havendo feito um discurso republicano na presença do próprio D. Pedro II, quando ainda aluno, em uma homenagem póstuma a Victor Hugo. Também havia, mais de uma vez, se insurgido contra o castigo da chibata nos navios de guerra: sua alma generosa de abolicionista e republicano não suportava ver o chicote lanhando as costas dos homens do mar.

Logo que voltou ao Ceará, para servir no cruzador Paquequer, essa rebeldia levou-o a fazer parte do Centro Republicano Cearense.

Mas era um oficial. E só deixou de o ser, por amor da mulher que estava agora a seu lado, dia e noite. Isabel, que se havia casado com um homem a quem não amava, fez o que lhe ditavam a consciência e o coração, e escolheu a companhia do jovem Caminha que, nobre e corajosamente, a aceitou, afrontando embora os preconceitos da Fortaleza de então. Chegou ele por isso a ser ameaçado de morte.

Chamado às pressas ao Rio de Janeiro, quiseram embarcá-lo num navio que zarparia para a Europa, com o claro intuito de

separá-lo da amada. Tudo em vão: ele sabia o que queria e preferiu demitir-se da Armada a baixar a cabeça diante do senso comum.

Depois, mourejando em uma repartição pública, andou fundando uma revista literária e um jornal noticioso. Ambos duraram apenas um ano, o que aliás era fato comum na época.

Travou polêmica com um jovem poeta estreante, Antônio Sales, que, mais tarde, o convidou para participar, como um dos fundadores, da Padaria Espiritual, originalíssima agremiação cuja verve humorística sacudiu o marasmo da vida provinciana.

De volta ao Rio de Janeiro, ele que, na juventude, havia publicado dois opúsculos, um de poesia e outro de ficção, encontrou a Capital Federal num período de grande efervescência cultural: pontificavam nas letras figuras como Machado de Assis que, no apogeu de sua carreira de ficcionista, já havia publicado dois dos três principais romances de sua fase realista: *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Quincas Borba*; Aluísio Azevedo, respeitado como o mestre brasileiro do Naturalismo, colhia ainda as glórias d' *O Mulato*, da *Casa de Pensão* e d' *O Cortiço*; Raul Pompéia havia garantido seu nome em *O Ateneu*; Coelho Neto, nessa época, publicara um só livro de contos e estreava no romance com *A Capital Federal*; Artur Azevedo, irmão de Aluísio, já era consagrado autor teatral, além de poeta, e logo estrearia no conto.

Na poesia, os nomes mais em voga eram os de Olavo Bilac, Raimundo Correia e Alberto de Oliveira, a famosa trindade do Parnasianismo, corrente que, no Brasil, estava longe de seguir a ortodoxia da escola original francesa.

Na crítica, destacavam-se os nomes de Sílvio Romero (já autor de uma *História da Literatura Brasileira*), Araripe Júnior, que fora no Ceará um dos componentes da chamada Academia Francesa, e José Veríssimo, que logo fundaria a *Revista Brasileira*.

Valentim Magalhães, poeta, romancista e às vezes crítico, desfrutava de imenso prestígio com sua revista *A Semana*.

Começavam a se arregimentar os simbolistas, notadamente com o grupo da *Folha Popular*, cuja principal figura era Cruz e Sousa.

Foi nesse ambiente que, sem nenhum apadrinhamento, sem qualquer carta de apresentação, Adolfo Caminha conseguiu publicar *A Normalista*, seu primeiro romance, no qual ele já se impunha

como um digno discípulo de Zola e Eça de Queiroz. Depois viria *Bom-Crioulo*, que o faria ombrear com Aluísio Azevedo na ficção naturalista brasileira.

É verdade que esses romances lhe renderam algumas críticas, principalmente na revista *A Semana*, críticas que muito o aborreceram, mas juntamente com elas veio o renome literário. Publicou ainda *No País dos Ianques*, narrativa da viagem de instrução que, como guarda-marinha, fizera aos Estados Unidos, e um volume de crítica, as *Cartas Literárias*, obras em que estadeava toda a sua independência, ao fazer censura a autores já consagrados.

No final de 1896 Caminha esperava ansiosamente pelo aparecimento do seu romance *Tentação*, que estava no prelo e que somente seria publicado após sua morte. Preparava um livro que se intitularia *Pequenos Contos*; também já anunciava *Dois Histórias* e a tradução do teatro de Balzac; *Ângelo* e *O Emigrado* talvez fossem mais dois romances; isso tudo, sem se falar num panorama da literatura no Brasil. A maioria eram planos apenas, sonhos, enfim, que começavam a dissipar-se ali, naquela tarde.

Prostrara-o o trabalho excessivo, ganhando muito pouco, tanto no Tesouro Federal quanto no jornalismo. E bem que poderia ter voltado à marinha: por ocasião da Revolta da Armada, de Custódio de Melo, um oficial seu amigo, partidário de Floriano Peixoto, oferecera-lhe o comando de um navio. Mesmo lutando muito para manter a si e aos seus, Adolfo Caminha mais uma vez mostrou a força de seu caráter, ao recusar a inesperada oferta “para não apoiar as atrocidades dos esbirros de Floriano”, como teria dito, segundo informação de Gastão Penalva.

Ao lado de sua Isabel, com as filhas Aglaís e Belkiss, naquela tarde de 1º de janeiro, há mais de 100 anos, olhava ele, tristemente, para os poucos mais fiéis amigos que o haviam ido visitar na hora extrema: Oliveira Gomes, seu companheiro na última revista que editou, e que circulara no ano anterior; Nestor Vitor, crítico e poeta de tendências simbolistas; Cruz e Sousa, a maior figura do Simbolismo brasileiro; e Frota Pessoa, poeta e crítico.

Ao olhar para Frota Pessoa, cearense como ele, talvez Adolfo Caminha haja lembrado a visita que lhe fizera, pouco tempo atrás, seu amigo e escritor Papi Júnior, nascido no Rio mas radicado no Ceará, e colega dos tempos agitados do Centro Republicano.

Poderia ele então repetir o que, dois anos antes, ao evocar o bairro do Outeiro, de onde se podiam ver as torres da catedral e as areias da Aldeota, escrevera: “Daqui do meu pouso atual, tão longe dos ‘verdes mares’, ainda sinto a vaga emoção, meio gostosa, meio amarga, de uma saudade que talvez não acabe nunca, porque foi lá, nesse adorado bairro de lenhadores e jangadeiros, que eu amei, que eu vivi, que eu sofri...”

Esses quatro amigos que foram visitá-lo sabiam certamente que ali se extinguia uma das maiores vocações de ficcionista que o Brasil possuiu, e que ainda não dera talvez tudo o que se poderia esperar de seu talento robusto.

Ainda em dezembro do ano anterior, quinze dias antes do falecimento do autor d’ *A Normalista*, Lúcio de Mendonça havia sugerido, entre outros, o nome de Adolfo Caminha para a Academia Brasileira de Letras, a ser instalada em julho de 1897. Era tarde, porém. E o escritor cearense talvez haja falecido sem saber que seu nome fora lembrado para fazer parte da mais alta instituição literária do País...

Caminha foi sepultado no Cemitério de São Francisco Xavier, numa cova que haveria de se perder.

Ao retornar a casa, depois do enterro, a família desolada viu que ladrões, aproveitando-se de sua ausência, haviam roubado tudo o que puderam encontrar, e que eram apenas alguns livros e pouca coisa a mais. Entretanto, levaram tudo. Só não levaram a honra e o renome desse escritor cuja obra, escrita com amor, obstinação e talento, esteve praticamente esquecida durante uns 30 anos, foi depois adulterada em edições de baixa qualidade, mas está hoje felizmente recuperada, graças aos esforços de um Gama Kury, de um Sabóia Ribeiro e de alguns mais.

Pela seriedade com que sempre encarou a literatura e pela qualidade da obra que nos deixou, Adolfo Caminha conquistou definitivamente seu lugar nas letras brasileiras, e por isso seu nome não passará.